

ENTRE FILMES E FICÇÕES: EXPERIMENTAÇÃO ESTÉTICA E ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Dami da Silva¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma experimentação na clínica do Acompanhamento Terapêutico (AT) com um acompanhado que apresenta transtorno do espectro autista. A partir da ideia de filmarmos e fotografarmos os encontros, o acompanhado começou a se expressar mais, a ampliar a interação com o acompanhante e a perceber mais o entorno, e, nesse contexto, ele também passou a fazer questões sobre si próprio, utilizando-se de um inusitado jogo com as palavras, combinando heróis do cinema e personagens de desenho animado a um modo singular de falar, se ver e ver o mundo. A perspectiva que se coloca aqui é que, nestes encontros, se inventa ou se produz uma experimentação, novos modos de ver, falar e agir; afetado por aquilo que se passa nos próprios encontros e que leva a uma diferenciação. A estética que caracteriza a experimentação diz respeito, então, a produção de movimentos de diferença e de novidade criadora no que parecia repetitivo e estagnado.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico; experimentação; estética; filmes.

Este trabalho apresenta um Acompanhamento Terapêutico (AT) que foi indicado para que Paulo² (37 anos – transtorno do espectro autista) não ficasse muito tempo em casa apenas assistindo à televisão. Pensou-se assim que o acompanhante poderia estar com ele em algumas de suas atividades físicas na academia ou mesmo fazer caminhadas pelas ruas. Paulo apresenta uma certa dificuldade na articulação da fala; dificuldades de memória/memorização; apresenta repetições, limitações de temas e de frases (geralmente são sobre filmes, desenhos animados ou músicas); possui dificuldades na orientação espacial e temporal; não consegue ler, escrever ou reconhecer cores, tem grandes dificuldades em tomar decisões ou fazer escolhas diferenciadas e apresenta muita dependência em relação à mãe.

O acompanhado gostava de fazer caminhadas. Passeios e saídas não eram dificuldade para ele e foram, nos primeiros dias, as únicas coisas que fizemos. Mas ele parecia se esquecer tanto dos lugares em que íamos, quanto das outras atividades que combinávamos, além disso, para mim, ele andava mecanicamente, isto é, aparentemente sem se afetar pelo entorno e nem pela minha presença. Os diálogos que tínhamos, tanto quanto a escuta, pareciam se perder no esquecimento, na repetição, na fragmentação das falas, nos equívocos, nos desentendimentos e numa aparente falta de sentido, o que parecia fazer com que as atividades fossem evanescentes, preponderando entre eu e ele, inicialmente, um distanciamento, um certo silêncio que, por sua vez, parecia intensificar as repetições de frases, palavras ou expressões fragmentadas.

Depois de algumas caminhadas, aproveitando do fato dele gostar muito de filmes, lancei uma proposta de filmarmos e/ou fotografarmos os passeios e saídas. Paulo concordou e naquele momento retirei o celular do bolso e comecei a lhe ensinar a usar a câmera. De posse da câmera, ele apontou para o chão e passou a filmar, com alguma dificuldade, os nossos próprios pés enquanto caminhávamos. Mostrei como ele poderia filmar várias coisas diferentes, mas ele preferiu filmar os nossos passos. Como a atividade não visava, necessariamente, a determinado aprendizado, resolvi deixar a câmera e as gravações o mais livres possíveis. Às vezes, ele fazia as filmagens, outras vezes, eu filmava. O resultado foi um registro de passos, pés, mãos, sombras, paisagens, imagens

¹ Ms. Dami da Silva (UFU – PPGEL). E-mail: dami_silva@hotmail.com.

² Nome fictício.

invertidas e movimentos irregulares de uma câmera à deriva, que esquecida de ser desligada, apontava para o chão, para o alto, ou se balançava à mercê dos movimentos dos braços.

Curiosamente, depois que assistimos às gravações, o acompanhado começou a relacionar os passos ou os pés que apareciam nas imagens com os passos de personagens de filmes que ele conhecia. Com isso, sempre que andávamos pelas ruas, ele olhava para as pessoas, também para seus próprios pés e começava a fazer comparações. Falava a respeito dos pés como: “passinhos do Hulk”, e completava: “*Hulk é herói...*”, “roupa rasgada... camisa rasgada... sozinho... sem mulher...”; ou dizia que os passos das pessoas eram “os passos do Rock” (do filme *Rock, o lutador*). Ele também perguntava como era a “musiquinha”, referindo-se a música tema dos filmes, e daí começávamos a cantarolar a melodia. Em outras vezes, ele olhava nossas sombras projetadas no chão, como já havíamos filmado anteriormente, e dizia que eram “iguais ao Peter Pan”, ou dizia que era “*igual o crocodilo tick tack*”, referindo-se ao animal que comeu a mão do capitão gancho no filme e que emitia um barulho de um relógio. Em outra ocasião, enquanto andávamos por um parque, ele disse que aquilo “era uma aventura” e éramos “companheiros, parceiros”, assim como Asterix e Obelix.

Posteriormente, fizemos a montagem de um vídeo com as cenas gravadas e com as fotografias, acrescentando as músicas que ele havia indicado para cada cena. O acompanhado chamou o filme de “passinhos”, e estas cenas se tornaram um mote de nossas conversas e de alguns encontros.

No decorrer desses encontros, Paulo começou a se expressar mais, a dar alguma atenção ao que se passava no entorno, mas, o que mais chamou a atenção foi uma certa mudança no modo como ele falava ou se expressava e como passou a variar seus dizeres introduzindo algumas diferenças em relação ao início. Isto é, além das repetições cristalizadas em torno da caracterização dos personagens (bandido, herói, amigos, inimigos), ele começou a fazer questionamentos sobre esses próprios personagens, sobre o entorno, lojas, lugares e sobre si próprio. Por exemplo, ele perguntava se era homem ou menino, velho ou novo, se era hulk e também dizia que podia se transformar. Nessas ocasiões, ele se utilizava do que considerei ser um jogo de palavras e expressões, que às vezes pareciam algum tipo de brincadeira ou de piada; outras vezes pareciam coisa séria, e, em outras, pareciam coisa sem nenhuma importância.

Para tentar entender o que se passa nesses encontros, faço referência à experimentação, a qual se refere a uma abertura ao inusitado dos encontros, àquilo que se passa entre acompanhante e acompanhado. Tal experimentação é uma aposta na produção de algo singular, produção de alguma diferença, levando em conta os desafios de se haver com o próprio encontro, tendo como ferramentas os meios que se apresentavam possíveis. De outro modo, a experimentação consiste em habitar um território, experimentar quais linhas permitem a produção de algo novo e daí fazer as composições e passar a outros territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

A experimentação se compõe também pelo paradigma estético-ético-político que tem essas dimensões inseparáveis que compreendem, respectivamente, os processos de produção de novos modos de vida, de agir e pensar; a afirmação desses modos nas suas diferenças, nas suas singularidades, assim como a relação de forças que perpassa o processos ético e estético, tanto no sentido de engendrará-los quanto no sentido de impedi-lo (DELEUZE; GUATTARI, 1995; MUYLAERT, 2006).

Nesse sentido, quando propomos neste AT, fazer as filmagens e as fotos, mesmo frente às limitações do acompanhado e do acompanhante, apostávamos em algum tipo de produção singular. Consideramos que, abrir-se a essa experimentação, daria lugar a outras possibilidades para o sujeito e/ou produção de subjetividade. De outro modo, quando o acompanhado foi, de certo modo, convocado ou interpelado, e lhe foi oferecido experimentar; na medida que ele percebeu isso, que não se tratava de fazer correções ou pedagogismos, então ele afeta e se deixa afetar.

Afetar e ser afetado implica um processo de diferenciação e de composição. Os bons encontros compõem, aumentam a potência de agir e pensar, enquanto os maus encontros decompõem, diminuem essa potência. Os afetos são devires que ora enfraquecem e decompõem nossas relações, ora nos compõem e nos fazem mais superiores. Os corpos então se definem por aquilo que podem, pelos afetos que são capazes e não por seus órgãos e funções. Deleuze (1998) diz ainda que os corpos não são apenas biológicos, mas psíquicos, químicos, sociais, verbais. E de quais afetos um corpo é capaz? Só se pode saber experimentando, possibilitando um encontro de corpos.

É nesse plano que, filmar, assistir às imagens, escolher as músicas, se constituem como disparadores imbricados em um processo que parece envolver uma relação entre o filme que fizemos e os filmes que o acompanhado conhecia, ou os heróis dos quais gostava. Nesse processo, cenas de filmes e cenas da realidade dos encontros, assim como uma linguagem claudicante, se misturam e se recortam, às vezes se confundindo, outras vezes se bifurcando. É aí que Paulo, para quem, em outros meios, é dito o que falar, quando falar e como falar, desloca-se ou é deslocado para uma posição outra, na qual pode interrogar e produzir respostas, assim como outras questões.

A experimentação se produz dessa e nessa mistura na qual o acompanhado ora diz ser o hulk, ora um lobisomem, ora o Banner³; ora se vê como herói, ora como monstro, ora como homem-menino, ora como velho-novo. Em outros momentos ele diz também ser cantor, ator, pintor, talvez num vislumbre de um diferenciar-se de si mesmo, que não se define por uma unidade ou uma síntese, um sentido único ou uma coerência, nem do corpo e nem da linguagem.

Afetado por esse real, o acompanhado atravessa ou é atravessado pela ficção dos filmes e personagens de cinema que ele conhecia e pela ficção de sua criação envolvida por seu modo de falar que repetia, fragmentava, se interrompia ou disparava; e por seus esquecimentos e sentidos que pareciam ignorar as contradições, desfocar a razão e o entendimento.

Podemos dizer então que, o que se produziu nos encontros neste AT, se constituiu como uma experimentação estética. Nessa experimentação, as palavras, as expressões, as questões, os desentendidos, os equívocos, os silêncios, as atividades, constituindo o próprio encontro, podem ser compreendidos como singularidades e diferenças na medida em que são afirmados enquanto tal na relação ética-estética e política da experimentação.

Referências

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, Ed. 34, 1995. v 1.

MUYLAERT, M. A. AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise. *Psyche*, ano X, n. 18, p. 109-114, setembro, 2006.

PALOMBINI, A. L. *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do Acompanhamento Terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. 2007.

³ Dr. David Banner é o cientista que após um acidente com raios gama, passa a se transformar no Hulk quando é tomado por sentimentos de raiva, aumento de adrenalina, isto é, por algum tipo de excitação.